
O ENSINO DE *CONJUNÇÕES* A PARTIR DO TEXTO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Karen Fabiane Leonel Corrêa *
Ana Carolina Sperança-Crisculo **

Resumo: Consideramos neste trabalho o papel importante que as conjunções têm dentro da escrita proficiente. Os conectivos, de modo geral, fazem parte da competência textual/discursiva que o falante da Língua Portuguesa deve possuir. Aprender a utilizar esses mecanismos de coesão é imprescindível, pois dão ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas e permitindo a progressão das ideias de forma clara. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma sequência didática para o ensino desses elementos, discutindo-se os resultados obtidos com sua aplicação em uma sala do 6º ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Conectivos, Conjunções, Leitura, Escrita.

Introdução

Devemos pensar a língua como identidade, e não meramente como um sistema de signos, reduzida à classificação de palavras, frases e classes gramaticais. Sob uma perspectiva funcionalista, a língua configura-se como um elemento complexo que integra o sistema e o uso, estando intimamente ligada ao contexto histórico, social, cultural e político de cada indivíduo, de cada sociedade e, por isso, não está pronta, acabada, mas se faz a cada interação.

Ensinar a língua em seus sistemas de uso é tão importante quanto ensinar o próprio sistema, ou, nas palavras de Antunes: “Nessa concepção, a língua só pode ser vista como um conjunto sistemático, mas heterogêneo, aberto, móvel, variável: um conjunto de falares, na verdade, já que é regulado por uma comunidade de falantes” (2009, p.22).

Entretanto, para que essa concepção de língua seja desenvolvida dentro do universo escolar, é necessário que o docente ultrapasse a barreira do ensino das regras, do certo e do errado, e capacite os estudantes para compreenderem a língua como um importante instrumento de significação e de mediação das relações interpessoais.

Nesse ínterim, a língua é compreendida “como um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p.61); a partir desse princípio, destacamos a importância dos conectivos, especificamente, das conjunções, dentro das produções textuais dos alunos.

* PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras (UNESP – Assis/Araraquara). Professora da Rede Estadual do Estado de São Paulo. karen_leonel@yahoo.com.br

** Pós-Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa/Departamento de Linguística (UNESP – Araraquara). carolinasperanca@fclar.unesp.br



Esses elementos são relevantes para a construção da textualidade e participam da estruturação da sequência do texto, auxiliando a transmitir conhecimentos e sentidos; dessa forma, saem da simples sintaxe da oração.

Nesse sentido, é necessário que o professor seja o mediador, e que proponha práticas que auxiliem o estudante a se apropriar da língua. Segundo Geraldi (2014), só se aprende a língua praticando, e escrever um texto não é aprender regras, mas compreender que há princípios que nortearão essa escrita (condições de produção, instrumentos de produção, relações de produção, agentes de produção).

A partir dessas considerações, e incomodados com os resultados apresentados em provas externas (SARESP, Prova Brasil, Avaliações da Aprendizagem em Processo) e produções escritas internas (realizadas em sala de aula) pelos alunos de uma escola estadual de Jahu (interior de São Paulo), em relação ao uso dos conectivos, o presente trabalho discute a “conexão sequencial frástica” (KOCH, 2001), com foco nas conjunções.

Com o intuito de auxiliar os alunos a utilizarem de forma consciente e adequada as conjunções, aprimorando sua competência textual/discursiva, desenvolveu-se uma Sequência Didática para o trabalho com esse conteúdo a partir de textos. Essa Sequência Didática foi aplicada em uma sala de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, os quais apresentaram melhora em relação ao uso das conjunções.

1 Caracterização da escola e da turma

A escola em que se desenvolveu a pesquisa oferece os cursos de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) no período diurno e o Ensino Médio (modalidades regular e EJA), período diurno para 1ª, 2ª e 3ª séries e noturno para 1ª, 2ª e 3ª séries regulares e 1ª, 2ª e 3ª séries EJA. O Ensino Fundamental conta com aproximadamente 570 alunos e o Ensino Médio com 335 alunos. Os alunos são agrupados em salas heterogêneas quanto ao nível de aprendizagem, havendo pouca distorção idade/série, pois os alunos em defasagem podem ser reclassificados. Atendem a esses alunos na disciplina de Língua Portuguesa oito professoras efetivas, dentre as quais três possuem mais de 10 anos de docência.

A partir desse cenário, percebe-se que a comunidade é oriunda da “classe baixa” e “classe média baixa”; a maioria da clientela escola apresenta índice de desenvolvimento humano com problemas de ordem financeira e familiar, com a predominância de famílias em que os pais e as mães trabalham como empregados nas indústrias de calçados locais, comércio e trabalhos rurais (maioria na cana de açúcar). A região onde a escola está instalada é, predominantemente, de residências populares e comércio de pequeno porte, possui infraestrutura considerada boa: ruas asfaltadas, água



e esgotos encanados, transporte coletivo, posto de saúde, creche, escola de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) municipal. Contudo, a violência e o vandalismo estão presentes na região, sendo um dos bairros conhecido pelo tráfico de drogas e criminalidade, o que é ocasionado, segundo o Plano de Gestão Escolar (PGE), pela falta de emprego para jovens e adultos, bem como pela falta de atividades e áreas de lazer.

2 Fundamentação teórica

Diversas pesquisas investigam o uso dos conectivos e auxiliam na construção de práticas mais eficazes para o ensino dos conectores, tendo em vista a relevância que esses elementos possuem na construção do texto. O encadeamento por conexão é entendido como aquele que “ocorre quando do uso de conectores dos mais diversos tipos. Também neste caso, **as relações** estabelecidas entre enunciados podem ser **de cunho lógico-semântico** ou **discursivo-argumentativo** (cf. KOCH, 1984, 1987, 1989, 1992, 2002)” (KOCH; ELIAS, 2011, p.169). Como exemplo de relações lógico-semânticas estão a causalidade, mediação, condicionalidade, temporalidade, conformidade, disjunção e modo. Já as relações que ocorrem por meio discursivo-argumentativo seriam aquelas que encadeiam não conteúdos, mas

[...] atos de fala, em que se enunciam argumentos a favor de determinadas conclusões. Ou seja: ocorre um primeiro ato de fala, que poderia ser realizado de forma independente, e acrescenta-se outro ato, que visa a justificar, explicar, atenuar, contraditar (KOCH; ELIAS, 2011, p. 170).

Destacam-se as relações estabelecidas por conjunções (soma de argumentos), disjunção argumentativa (tendo o efeito de provocação/conclamação de interlocutor a uma concordância), justificação ou explicação (por meio de um novo ato de fala, justifica-se ou explica-se a própria enunciação de um ato de fala anterior), comparação (se estabelece um confronto entre dois elementos tendo em vista determinada meta a ser alcançada), conclusão, comprovação, generalização, modalização da força ilocutória¹, correção, reparação, especificação ou exemplificação, contrajunção (oposição, contraste de argumentos).

Os conectivos argumentativos têm as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa dos enunciados associados e possibilitam a reutilização de um conteúdo seja como um argumento, seja como uma conclusão, como argumento capaz de sustentar ou reforçar uma inferência ou contra-argumento. Para Adam (2008), seriam colocados nessa

¹ Para Koch força ilocutória seria o ato de fala que ao se realizar enuncia uma promessa, juramento, pergunta, advertência, conselho, ameaça, asserção etc (KOCH; ELIAS, 2011, p. 172).



categoria os argumentativos concessivos (mas, no entanto, entretanto, porém, embora, mesmo que...), os explicativos e os justificativos (pois, porque, já que, se – é que...), o se, o quando e os simples marcadores de argumento (até, [até], mesmo, aliás, por sinal, além do mais, não apenas...).

Os referentes são introduzidos no discurso por meio da introdução ancorada (aquela que introduz elementos já presentes no texto) e não ancorada (quando um objeto realmente novo é introduzido no texto). Dessa maneira, para que seja feita a retomada ou manutenção textual são usados os pronomes ou outras formas de valor pronominal, uso de expressões nominais definidas e uso de expressões nominais indefinidas. Outro modo de sequenciação seria o encadeamento, definido como o inter-relacionamento de enunciados, que podem ou não ter elementos explícitos de ligação. Dessa forma, denominam-se os encadeamento por justaposição sem a presença de articuladores, e encadeamento por conexão os que se utilizam de conectivos. Reforça essa ideia Antunes (2014) ao trabalhar o uso dos conectores, que são definidos como

[...] algo que une ou liga, já se sobressaindo com isso a importante *função* desse grupo de palavras no estabelecimento da *coesão* e da *coerência* do texto. Trata-se, portanto, de um item que desempenha a grande função de marcar a conexão lógico-discursiva entre partes do texto, sejam essas partes orações, períodos, parágrafos ou blocos de parágrafos” (p. 122)

A partir dessa definição, a autora destaca que a relevância do estudo desses elementos está no papel importante que têm dentro da construção do texto, da articulação que possibilita entre as diferentes partes do texto, o que não pode ser percebido quando estudado de forma descontextualizada.

Os elementos de conexão podem assumir a forma gramatical de conjunção, preposição, advérbio e respectivas locuções e ainda algumas formas lexicais podem assumir o valor de conectivos. Antunes enfatiza, ainda, que esses elementos não são apenas partículas de ligação, mas criam e sinalizam relações de sentido.

Em outro texto, Antunes (2012) reforça e detalha melhor o trabalho a ser realizado com os conectivos, particularmente as conjunções, frisando que o trabalho com esses elementos de conexão deve evidenciar as possibilidades de encadeamento, e também tem a função de sinalizar “a direção que se pretende dar para o que se diz” (p.133).

Retomando Koch (2001), o reconhecimento das relações estabelecidas por esses elementos coesivos e de suas funções (lógico, argumentativa, discursiva) é importante, pois permite ao aluno gerenciar o modo como vai organizar o seu texto, a direção argumentativa que quer assumir. Desse modo, o trabalho em sala de aula com as conjunções não se reduziria a olhar para as conjunções com a única finalidade de dizer se são coordenadas ou subordinadas.



Trabalhar com as conjunções é muito mais do que ensinar as articulações entre as frases, períodos e parágrafos, é auxiliar os alunos a desenvolver a consciência sobre as posições que são assumidas por aqueles que produzem comunicativamente, levando-os a articular suas produções de forma coerente. E desse modo, a coesão terá relação intrínseca com a coerência.

Esclarece Antunes (2005) que a coesão seria a propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda forma de ligação que dá ao texto “unidade de sentido e unidade temática” e a função seria a de “criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados” (p. 47).

Conforme a autora, fica evidente que as ligações não se restringem à superfície dos textos, mas sinalizam ligações conceituais que estão subjacentes a essa superfície ou, nas palavras da autora, “concomitantes aos encadeamentos identificáveis na superfície do texto, vão acontecendo aqueles outros no nível semântico” (p. 48). Relata que a continuidade de sentido vem expressa pelas relações de reiteração, associação e conexão, que acontecem por meio de outros tantos recursos.

A autora aponta a coesão por meio da conexão e reforça que

[...] o mais importante, na atividade de produção e recepção de textos, é identificar o tipo de relação estabelecida, e não ocupar-se da classificação dos conectores com suas respectivas nomenclaturas. Tampouco tem relevância servir-se do estudo das conjunções apenas para se explorar a complicada classificação das orações em suas múltiplas subdivisões. O que vale, portanto, como competência comunicativa é avaliar o valor semântico de cada uma das conjunções e os efeitos semânticos que provocam nas relações entre as orações” (ANTUNES, 2005, p.150).

O estudo da coesão, dessa maneira, deve acontecer a partir de um texto que é um evento sociocomunicativo, pois o aluno perceberá que as regras gramaticais servem para que ele se faça compreender nos momentos de interação com o outro, e que não são apenas instrumentos de avaliação e notas.

A coesão seria uma das propriedades à disposição dos indivíduos para tornar o texto funcional, pois permitem o encadeamento, a articulação, elos de ligação que possibilitarão a sequência, continuidade e unidade textual.

A continuidade seria estabelecida pela articulação de sentidos e assim funcionaria também como marca de coerência, sendo sinal ou instrução para sua compreensão. Entretanto, a coesão é mais “tipicamente linguística do que a coerência; isto é, se materializa nas ocorrências de vários recursos morfossintáticos e lexicais, ou noutros termos, se faz pela mediação das relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais” (ANTUNES, 2010, p. 117).

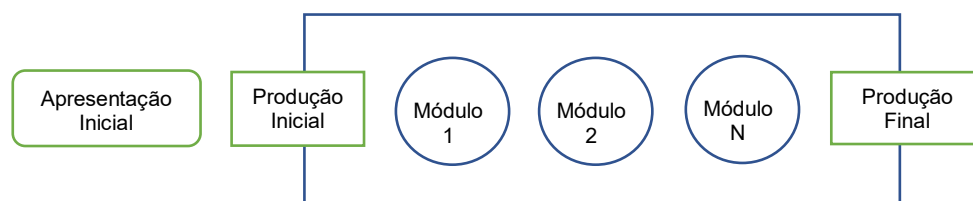


A partir dessas contribuições teóricas, podemos compreender que as conjunções devem ser ensinadas não apenas pela função de unir termos de uma oração ou orações. Devemos focar na ligação entre períodos, parágrafos ou entre partes mais extensas do texto, para que os alunos consigam utilizar esses elementos de coesão adequadamente para expressar o valor semântico que desejam em seus textos, bem como indicar sua orientação discursivo-argumentativa.

3 Descrição da experiência e Avaliação de Resultados

Para desenvolver a consciência dos alunos quanto ao uso dos conectivos, compreendendo-os como importantes elementos para a progressão textual, que permitem o encadeamento dos enunciados por meio de relações semânticas e discursivas, propomos uma sequência didática (SD) como instrumento para a aprendizagem. Mediante esta proposta, segundo Schneuwly e Dolz (2004), a SD é um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito. Segundo os autores, a SD apresenta a seguinte estrutura (Figura 1).

Figura 1. Esquema da sequência didática



Fonte: Schneuwly e Dolz (2004, p.84)

A presente SD foi elaborada seguindo os passos apresentados Schneuwly e Dolz, como no esquema acima. O público-alvo foram alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, com uma turma de 29 alunos. No primeiro momento, o professor leu o texto “O dono da bola” (Ruth Rocha) em voz alta, depois debateu com a turma a atitude apresentada pelas personagens dentro do conto, e os questionou se já haviam vivido algo semelhante. Após o questionamento, os alunos recontaram a história oralmente.

Findada a fase de oralidade, o professor propôs uma produção escrita às crianças para contar uma história sobre um dia de brincadeira que tiveram com seus colegas. Para a produção, o docente fez o seguinte questionamento: qual o dia da brincadeira e como estava clima? Onde eles estavam (local)? Havia tido algum problema entre os alunos e os amigos que brincavam? Caso tivesse alguma desavença, como fora resolvida?

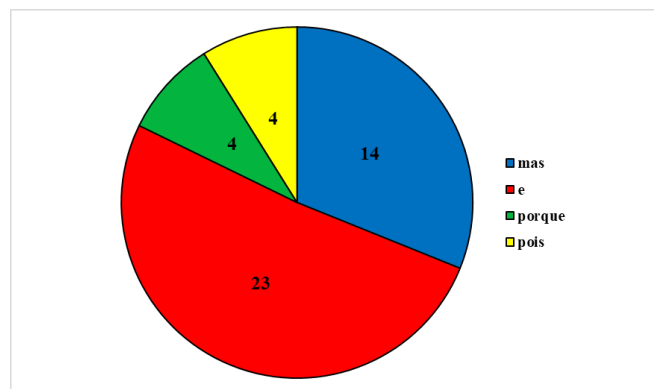


Após a produção da história (Produção inicial), foram descartadas seis produções: cinco por serem textos ilegíveis de alunos não alfabetizados e um por ser uma cópia literal do conto apresentado. Quanto aos outros 23 textos analisados, averiguou-se que os alunos utilizaram somente quatro conjunções na produção textual: “e”, “mas”, “porque” e “pois”, e as que tiveram maior incidência foram “e” e “mas”, sendo mais recorrente o “e”.

Diante dos resultados apresentados pelos alunos nessa fase, passou-se a uma observação mais qualitativa quanto ao uso das conjunções tendo em vista o sentido dado pelos alunos no texto produzido. De posse dos textos, o foco inicial, por sua maior incidência, foi o conectivo “e”. Ao analisar as redações, percebeu-se que os conectivos “e”, “porque”, “pois” eram utilizados de forma adequada dentro contexto comunicativo. Entretanto, o conectivo “mas” foi, em alguns momentos, utilizado com o sentido de “mais”.

Uma análise quantitativa mostra que “e” foi empregado 23 vezes e o “mas” foi utilizado 14 vezes, seguidas por “pois” e “porque” com quatro indicações cada, como podemos observar no Gráfico 1:

Gráfico 1. Conectivos presentes na produção inicial (diagnóstica)



Fonte: elaboração própria

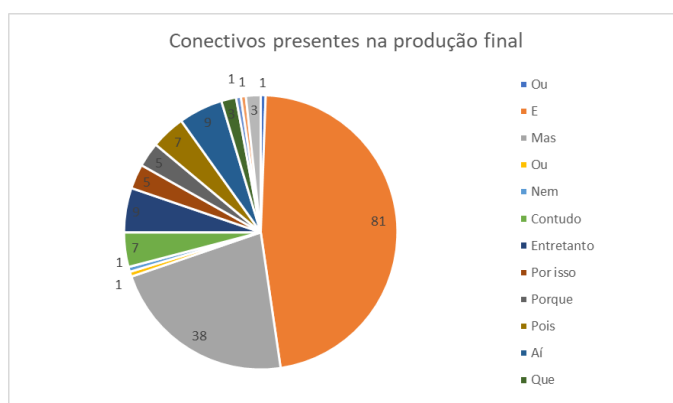
A partir das dificuldades que os alunos apresentaram na avaliação diagnóstica (Produção inicial), os módulos da SD elaborada tiveram como objetivo auxiliar os estudantes a ampliarem seus conhecimentos sobre as conjunções e, possivelmente, utilizá-las em seus próximos textos, melhorando suas produções escritas. Os 4 módulos e a atividade final foram desenvolvidos com os alunos durante oito aulas, num total de oito aulas de cinquenta minutos cada, tendo sido adaptadas as atividades para os alunos que passam pelo processo de alfabetização. Nas duas primeiras aulas (Módulo 1) foram trabalhadas com os alunos as conjunções que eles já conheciam e haviam utilizado na produção textual inicial, sendo essas: **e**, **mas**, **porque** e **pois**. Nas novas atividades foram apresentadas novas conjunções (por isso, apesar de, portanto, contudo, entretanto) e nesse módulo (Módulo 2) também foram



sugeridas atividades de inversão (que consistiu em exercícios que propunham que as conjunções dos enunciados trabalhados fossem substituídas por outras, sendo que essas iniciavam as orações; assim, os alunos precisavam realizar a inversão dos períodos, seguida de diversas alterações nos enunciados). Nessa atividade, os alunos apresentaram maior dificuldade e por isso eles pediram para trabalhar em grupo, o que foi permitido. Assim, passou-se para o terceiro módulo, em que novamente foram retomadas, com maior pontualidade, as conjunções adversativas. Nesse módulo, foram introduzidas as conjunções “nem” e “ou”. Esses conectivos foram compreendidos com bastante tranquilidade e a conjunção “nem” foi apresentada por meio de um exercício de inversão. No quarto e último módulo, foram realizadas atividades que retomaram as conjunções trabalhadas por meio de atividades de inversão. Os estudantes mostraram menos dificuldade do que nos outros exercícios que solicitavam a mesma coisa. Após o desenvolvimento dessas atividades, os estudantes realizaram a Produção final, para que pudéssemos avaliar quais objetivos haviam sido alcançados.

Para a Produção final, foi solicitado que os alunos lessem o texto “Casa de Vô”, de Beatriz Vichessi. Essa história é contada em primeira pessoa. O narrador é uma menina, que fala sobre a relação dela com seu avô e todas as brincadeiras que ela e ele faziam enquanto estavam juntos. Esse texto foi escolhido por ser próximo da vivência dos alunos desse sexto ano, pois muitos moram com seus avôs ou ficam com eles para que seus pais trabalhem. O texto foi lido individualmente por cada aluno e depois coletivamente. Após a leitura, foi pedido que contassem uma história deles com seus avôs ou com uma pessoa querida para eles. Os alunos produziram os textos e esses foram analisados, apresentando as conjunções: **e, mas, ou, nem, apesar de e apesar disso, contudo, entretanto, por isso, porque, pois, aí, que e assim**, como poder ser observado no Gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2. Conectivos presentes na produção final



Fonte: elaboração própria



Após a análise das redações finais, é possível perceber que os alunos usaram com maior propriedade as conjunções e ainda ampliaram o uso delas. Na redação diagnóstica só apareceram as conjunções “e”, “mas”, “porque” e “pois”. Após a aplicação da Sequência Didática, os estudantes continuaram utilizando as conjunções acima apontadas, mas também passaram a utilizar as conjunções “contudo”, “entretanto”, “apesar de”, “ou”, “nem”, “por isso” e “que”. Cabe ressaltar que a troca do “mas” por “mais” ainda aconteceu, embora com muito menos frequência do que na aplicação da redação diagnóstica.

Considerações finais

A trajetória deste trabalho permitiu reflexões que evidenciaram a importância das conjunções para melhorar a habilidade escrita dos alunos. Também concluímos que há a necessidade do ensino de gramática na escola, no entanto, de que essa seja abordada não de forma mecânica e sem ligação com o funcionamento linguístico. O ensino gramatical deve ter a função de auxiliar os estudantes a refletirem sobre a língua, expondo os conhecimentos inconscientes e os levando à conscientização linguística. No entanto, o ensino da coesão, particularmente a que acontece por meio das conjunções, ainda não atende a essa formação reflexiva, que permite o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Embora haja muitas novas formas de abordagem desse importante elemento linguístico, as que são utilizadas em sala de aula e nos materiais didáticos ainda prezam pela utilização de exercícios mecânicos, que trabalham com prescrições da língua e focam na mera classificação dos nexos coesivos. Faz-se dessa forma necessário que uma abordagem funcionalista da língua seja privilegiada, possibilitando que as aulas sejam planejadas pensando em alunos reais e não nos que são idealizados pelos programas, propondo atividades que não deixem de ensinar a gramática da língua culta, mas que façam com que essa abordagem seja feita por meio da língua em uso. Nesse sentido, emerge o trabalho com a SD, que foi pensada para auxiliar os alunos a compreenderem as conjunções como importantes para o desenvolvimento dos textos que produzem, procurando trabalhar com a língua não como um produto pronto, mas como um elemento vivo, que pode (e deve) ser usada para atender às necessidades de cada falante. Ao analisarmos os resultados desse trabalho, percebemos que os alunos conseguiram utilizar-se desses elementos coesivos, produzindo textos mais coesos e significativos.

Diante dos resultados positivos obtidos, pretendemos divulgar o trabalho no ambiente escolar para outros professores de Língua Portuguesa da unidade escolar, buscando dar continuidade ao trabalho, o que permitirá que tanto os alunos que participaram desta pesquisa continuem



aprendendo, como também que outros possam melhorar suas habilidades de leitura e de escrita. Embora esta SD tenha sido aplicada a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, acredita-se que possa ser adaptada a quaisquer séries do Ensino Fundamental e mesmo do Ensino Médio, o que reforça a relevância deste conteúdo para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

TEACHING *CONJUNCTIONS* FROM TEXTS: A DIDACTIC SEQUENCE FOR ELEMENTARY STUDENTS

Abstract

In this work, we consider the important role that conjunctions have within proficient writing. The connectives, in general, are part of the textual /discursive competence that the Portuguese Language speaker should have. Learning to use these cohesion mechanisms is essential because they give the text greater readability, explaining the types of relations established and allowing the progression of ideas clearly. The present work aims to present a didactic sequence for the teaching of these elements, discussing the results obtained with its application in a 6th year class of Elementary School.

Keywords: Connectives. Conjunctions. Reading. Writing.

Referências

- ADAM, J. M. **A linguística textual:** introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras:** coesão e coerência. São Paulo, Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNES. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES. **Gramática contextualizada:** limpando “o pó das ideias simples”. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- GERALDI, J. W. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual.** 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCK, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 3ª ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial: 2008.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

